As linhagens do samba

Este número da *Revista Resgate* traz um conjunto de artigos dedicado ao samba, gênero musical popular cujas origens remontam ao período colonial da História do Brasil e que conquistou reconhecimento nacional e internacional ao longo do século XX.

Para a maioria dos pesquisadores da música brasileira, o samba é um gênero de caráter híbrido, cuja formação se deu a partir da fusão de manifestações musicais de origem ibérica e de matrizes africanas, como o batuque, o jongo e o lundu, ganhando configurações locais e regionais diversas. Porém, a modalidade que mais atraiu a atenção dos estudiosos da cultura popular brasileira foi o samba urbano carioca, que nas primeiras décadas do século XX se integrou à indústria do disco e ao rádio. O gênero começa a figurar nos catálogos das gravadoras por volta de 1911 e a gravação de *Pelo Telefone*, de Donga e Mauro Almeida, em 1917, se converteu numa espécie de marco do nascimento do moderno samba carioca. Mas há outras vertentes desse gênero popular que se manifestam em outras regiões do país e que vêm despertando o interesse de pesquisadores nos últimos anos. A presente coletânea de artigos contempla diversas linhagens dessa manifestação musical popular brasileira.

O texto da professora Olga von Simson contém uma síntese histórica da formação do samba no interior do estado de São Paulo cujos marcos remontam ao início do século XIX, momento em que o desenvolvimento da economia cafeeira na região vai exigir a importação de mão-de-obra escrava. Parte significativa desses trabalhadores veio de províncias do nordeste brasileiro que, em função da crise de suas economias agro-exportadoras, dispu-

nham de mão-de-obra excedente. Apoiada em documentos localizados no Arquivo Histórico de Campinas, a professora Olga mostra que na segunda metade daquele século uma importante fazenda campineira importou um número significativo de escravos da região nordeste, o que contribuiu para a transposição e a redefinição de tradições culturais afro-brasileiras no interior paulista. Além de Campinas, as cidades de Tietê, Itu, Capivari, Piracicaba, Bom Jesus de Pirapora, dentre outras, se constituíram em importantes redutos dessa cultura, nos quais se deu a configuração do chamado samba de bumbo, samba de lenço ou samba rural paulista. No século XX, com o desenvolvimento urbano da cidade de São Paulo, levas de sambistas originários do interior se deslocaram para a capital e organizaram os cordões carnavalescos que animaram a festa de Momo na cidade durante muitos anos. O artigo de Claudete de Sousa Nogueira trata da tradição da dança de umbigada no interior paulista. Dança marcada pelo gesto coreográfico característico pelo qual os dançarinos tocam suas regiões abdominais, na altura do umbigo, como um convite ao baile. Esse gesto era denominado pelos africanos de *semba*, palavra que pode estar na origem do vocábulo samba. A autora, recorrendo ao recurso da história oral, busca depoimentos de velhos batuqueiros da região para desvendar os sentidos dessa manifestação que ainda se mantém viva como prática de resistência cultural e integrada a processos de construção e reconstrução da identidade étnica local. O músico e pesquisador Eduardo Conegundes apresenta um breve panorama da história do samba paulista, e se concentra nas experiências de núcleos de sambistas que

surgiram na região metropolitana de São Paulo a partir da década de 1990. Para o autor, essas experiências contribuem para criar e reproduzir laços comunitários entre seus integrantes, para reconstruir a memória cultural de segmentos sociais locais, ao mesmo tempo em que imprimem novos sentidos às tradições populares regionais. Mais do que isso, Eduardo enfatiza o papel educativo dessas práticas, uma vez que permitem não apenas o aprofundamento do conhecimento musical relativo ao gênero samba como possibilitam a reflexão sobre as origens históricas, culturais e étnicas dos grupos.

Mas o samba também conquistou espaços notáveis em contextos desfavoráveis como é o caso do Estado de Santa Catarina, fortemente marcado pela presença europeia, especialmente alemã. A professora Cristiana Tramonte analisa a trajetória das escolas de samba de Florianópolis, que ao longo da segunda metade do século XX tornaram-se hegemônicas no carnaval local. A autora demonstra que a população de afro-descendentes da cidade, mesmo vivendo num contexto impregnado de preconceitos, conseguiu consolidar a presença das suas tradições culturais no carnaval e, ao mesmo tempo, conquistar espaços sócio-culturais importantes na cidade.

Esta coletânea contém ainda dois artigos sobre o samba carioca. A professora Marília de Andrade analisa essa modalidade de arte popular com ênfase nos seus aspectos coreográficos. Para a pesquisadora, as rodas de batuque, o samba partido alto, o jongo e a capoeira, práticas que formam as bases do samba carioca, possuem determinadas matrizes coreográficas bem definidas. Mesmo assim, as danças do samba permitem um amplo leque de improvisações, o que explica a complexidade de linguagens que caracterizam o gênero. A autora aponta a necessidade de se descrever de

forma sistemática essa dança para identificar seus aspectos estruturais e seus códigos essenciais. Desse modo, é possível compreender a complexidade das suas linguagens corporais e definir parâmetros para o reconhecimento de uma técnica das danças de samba.

O artigo do historiador José Adriano Fenerick retoma a temática do samba carioca integrado à indústria cultural. Voltando sua atenção para a famosa polêmica entre os sambistas Noel Rosa e Wilson Batista, nos anos 30, o autor mostra que é a partir desse momento que se dá a superação da fratura existente naquele período entre o samba do bairro Cidade Nova, ainda fortemente vinculado a práticas tradicionais de cunho lúdico-religioso, e o samba do Morro do Estácio, expressão da expansão urbana e da modernização do Rio de Janeiro. Em suas composições, Noel contribuiu para converter o samba em música popular não mais impregnada de sentido étnico mas, agora, identificada com o modo de ser carioca, preparando o terreno para a transformação do gênero em expressão da brasilidade.

Por fim, esta publicação traz ainda uma interessante entrevista com Ilcéi Miriam, cantora, sambista e professora de história, com relatos de experiências sobre relações possíveis entre práticas educacionais e artísticas. Ilcéi trata de temas instigantes como a relação entre música popular e educação formal e não-formal, a inserção da mulher no mundo do samba e movimentos recentes de reconstrução de tradições ligadas ao samba em Campinas. Com este número, a *Revista Regate* oferece ao leitor uma importante contribuição para o aprofundamento do debate em torno não apenas da trajetória do samba ao longo do século XX, como dos novos sentidos que a cultura popular adquire na contemporaneidade.

José Roberto Zan